

GUARANÁ

Lendas e verdades sobre a frutinha que alguns dizem ser afrodisíaca

MÁRIO DE MORAES

O guaraná. Conhecido desde que o índio, só muito mais tarde foi descoberto pelos chamados civilizados, que a ele atribuem as mais variadas propriedades. A mais divulgada é a de que o guaraná é um poderoso afrodisíaco. Foi numa extensa matéria publicada há tempos na revista Interior, que colhemos os subsídios para este trabalho.

O escritor Nunes Pereira, em sua obra **Panorama da Alimentação Indígena**, conta que foi o padre João Felipe Bettendorf o primeiro a mostrar "a presença nos matos de uma frutinha que se chama guaraná". E isso ele escreveu em seu livro "Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus pelo Estado do Maranhão". As frutas, depois de secas, explica aquele sacerdote, eram "depois pisadas, fazendo delas uma bola, que (os índios) estimam como os brancos o seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha com que as vão roçando em uma cuia de água bebida, dá tão grandes forças, que indo a caça, um dia até outro, não têm fome, além do que faz urinar, tira febre, dores de cabeças e câibras".

Até onde as qualidades médicas do guaraná são verdadeiras?

Para responder a essa pergunta, entre outras pesquisas, é necessário, voltando ao passado (século XIX), examinar os estudos de cientistas da mais alta seriedade, como von Martius e o químico francês Vereg. Através deles verifica-se que a planta do guaraná possui elevado teor de cafeína, um alcalóide que é um estimulante dos mais poderosos. Ele encontra-se na semente e na casca do fruto verde em proporção duas vezes superior à encontrada no café verde ou no chá. Além disso, torrando-se a semente do guaraná, obtém-se um teor sete vezes superior ao do grão torrado do café.

Num trabalho publicado em 1941, pelo Ministério da Agricultura, Frederico Schmidt, informa que "os índios da Amazônia o utilizam (o guaraná) para combater diarreias violentas e crises nerválgicas; e da casca dos frutos extraem uma substância corante vermelho-alaranjado, com que se pintam nos dias de festa".

Descrevendo o guaraná como tendo um sabor um pouco amargo, adstringente e ácido, com propriedades que interessam a todo o metabolismo humano, aquele escritor prossegue informando que "é largo seu emprego na química moderna, notadamente através dos alcalóides que produz, guarafina e guaranafina".

No Brasil não existem muitos estudos referentes ao guaraná, embora as publicações estrangeiras coloquem essa planta nativa da Amazônia como uma das mais importantes bebidas consumidas pelo homem, so perdendo para o café e o chá.

BEM MELHOR QUE CAFÉ

Robert Scherry, da Universidade de Washington e Albert F. Hill, de Harvard, que estudaram o guaraná à fundo, garantem que, entre as bebidas que contêm cafeína, a mais estimulante é ele. E chegam a ponto de afirmar que basta uma xícara de guaraná para afastar a mais extrema fadiga. Uma colher de chá (do pó) num copo d'água

equivale, segundo aqueles entendidos, a três copos de café forte.

Foi a partir do século XIX que o guaraná, fabricado pelos índios e comercializado em forma de bastão, passou a ser utilizado como bebida e produto medicinal. Em certa época, no Mato Grosso e na Bolívia, esses bastões até serviam como dinheiro, quando da troca de mercadorias.

Nos últimos anos, segundo notícias que chegam da Amazônia, a casca da semente do guaraná está sendo comprada pelos japoneses, que a vêm aproveitando como matéria-prima na indústria farmacêutica. Isto porque ela contém riquíssimo teor em complexo de vitamina B.

A Amazônia já teve dois importantes ciclos econômicos: o da borracha e o da juta. Há quem tenha esperança que o guaraná possa ser o terceiro. É uma planta que exige cinco anos para a maturação produtiva. Por isso, leva tempo para aumentar a sua produção, como o mercado está exigindo. O guaraná, no entanto, não consome muito dinheiro para ser produzido e é planta das mais fortes. Além disso, um pé produz durante 80, 100 anos. E um quilo do produto vale muitas vezes mais do que um quilo de café.

Uma produtividade modesta, 5 quilos guaraná/planta/ano, compensa todos os custos. Mas essa produtividade pode crescer muito mais. Acontece, porém, que os plantadores não têm muito interesse nisso, pois temem saturar o mercado. Como está, está ótimo, pois o que for produzido, será comprado.

O químico Theodoro Peckolt, em 100 gramas de pasta endurecida, obtida com a semente triturada do guaraná, encontrou esta composição:

Substância	gramas
Cafeína	5,388
Óleo fixo amarelo	2,950
Ácido guaraná tânio	5,902
Ácido piro-guaraná	2,750
Saponina	0,060
Amido	9,350
Glicose	0,777
Pectina, ácido málico, mucilagem, dextrina	7,470
Fibra vegetal	49,125
Água	7,650
Sais e outras substâncias	8,578

A LENDA

Dizem que, em toda lenda, há um fundo de verdade. O guaraná também tem a sua, e ela encontra-se na obra "Os Índios Maué", de Nunes Pereira. Este escritor ouviu-a da boca dos próprios silvícolas.

É esta a "estória do guaraná":

Antigamente, contam, existiam três irmãos: Ocumaató, Icuaman e Onhiamuaçabê. Onhiamuaçabê era dona do Noçoquén, um lugar encantado no qual ela havia plantado uma castanheira. A jovem não tinha marido, porém todos os animais da selva queriam viver com ela. Os irmãos, ao mesmo tempo, a queriam sempre em sua companhia, porque era ela quem conhecia todas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam. Uma cobrinha, conversando

com outros animais, certa vez, disse que Onhiamuaçabê acabaria sendo sua esposa. Foi então espalhar pelo caminho, por onde ela passava todos os dias, um perfume que alegrava e seduzia. Onhiamuaçabê passou pelo caminho, aspirando o perfume e disse: — "Que perfume agradável!" A cobrinha, que estava próxima, disse a si mesma: — "Eu não dizia? Ela gosta de mim!" E, correndo, foi estirar-se mais adiante, para esperar a moça. Ao passar a moça a seu lado, tocou-a, levemente, numa das pernas. E isso só bastou para que a moça ficasse prenha, porque, antigamente, uma mulher, para que isso acontecesse, bastava olhar para alguém, homem, animal ou árvore que a desejasse para esposa. Porém os irmãos de Onhiamuaçabê não queriam que ela casasse com gente, animal ou árvore, e que tivesse filhos, porque era ela quem conhecia todas as plantas com que preparava os remédios que precisavam.

Por isso, quando a moça apareceu prenha, os irmãos ficaram furiosos. E falaram, falaram, falaram, dizendo que não queriam vê-la com filho. Chegou o dia do nascimento da criança. A moça, depois do parto, no barracão feito por ela mesma, lavou a criança e tratou de criá-la. Era um menino bonito e forte; e cresceu forte e bonito até a idade de falar.

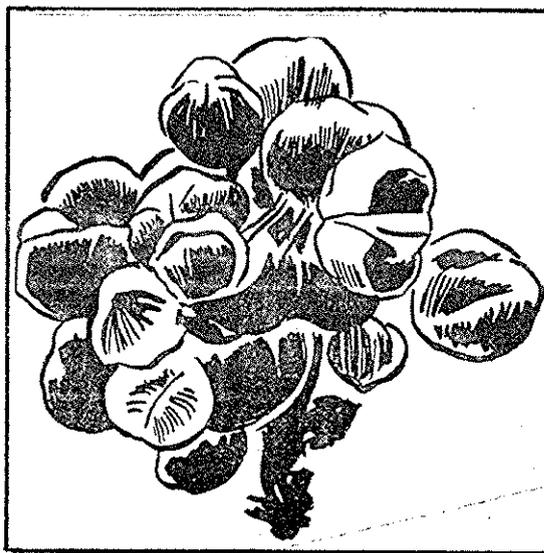
Logo que pôde falar, o menino desejou comer as mesmas frutas de que os tios gostavam. A moça contou ao filho que, antes de o sentir nas entranhas, plantara no Noçoquén uma castanheira, para que lhe comesse os frutos, mas que os irmãos, expulsando-a da companhia deles, se apoderaram do Noçoquén e não o deixariam comer castanhas.

Além disso, os irmãos da moça tinham entregue o sítio à guarda da Cutia, da Arara e do Periquito. O menino, porém, continuou a pedir a Onhiamuaçabê, mãe dele, que lhe desse de comer as mesmas frutas que os seus tios comiam. Um dia, então, Onhiamuaçabê, a moça, resolveu levá-lo ao Noçoquén para que comesse castanhas.

Assim, indo a Cutia ao Noçoquén, viu no chão, debaixo da castanheira, as cinzas de uma fogueira, onde haviam assado castanhas. A Cutia correu e foi contar o que viu aos irmãos da moça. Um deles disse que talvez a Cutia se enganasse; o outro disse que não podia ser verdade. Discutiram. E, afinal, resolveram mandar o Macaquinho da boca-roxa tomar conta da castanheira, a ver se aparecia gente por ali.

O menino, que havia comido muitas castanhas e cada vez mais as cobijava, já conhecendo o caminho do Noçoquén, tornou a ir no dia seguinte. Ora, os guardas do Noçoquén, que tinham ido adiante, com ordem de matar quem ali encontrassem, viram o menino subir, às pressas, na castanheira.

E, estando próximos, bem próximos, ocultos por outras árvores, tudo observando, correram e foram esperá-lo, debaixo da castanheira, armados com uma cordinha para decepar a cabeça do comedor de castanhas. Dando por falta do filho a mulher já se havia posto a caminho, para o buscar, quando ouviu os gritos. Correu na direção do



filho, mas já o encontrou decegado, às mãos dos guardas. Arrancando os cabelos, chorando e gritando sobre o cadáver do filho, a moça Onhiamuaçabê disse: — "Está bem, meu filho. Foram teus tios que mandaram te matar. Eles pensavam que tu ficarias um coitadinho, mas não ficarás". Arrancou-lhe, primeiro, o olho esquerdo e plantou-o. A planta, porém, que nasceu desse olho não prestava; era a do falso guaraná. Arrancou-lhe, depois, o olho direito e plantou-o. Desse olho nasceu o guaraná verdadeiro.

E continuando a conversa com o filho, como se o sentisse vivo, foi anunciando: — "Tu, meu filho, tu serás a maior força da natureza; tu farás o bem a todos os homens; tu serás grande; tu livrarás os homens de umas moléstias e os curará de outras." Em seguida, juntou todos os pedaços do corpo do filho. Mascou, mascou as folhas de uma planta mágica, lavou com sua saliva e o sumo dessa planta o cadáver do filho e o enterrou.

Cercou-lhe a sepultura com estacas e deixou um dos seus guardas, de inteira confiança, vigiando-a. Recomendou a esse guarda, que era o Caraxué, que a fosse avisar, assim que ouvisse qualquer barulho saindo da sepultura. Passados alguns dias, o Caraxué, ouvindo barulho na sepultura, correu, correu e foi avisar Onhiamuaçabê. A moça abriu o buraco da sepultura e de dentro dela saiu o macaco Coatá. Onhiamuaçabê soprou sobre o macaco Coatá e amaldiçoou-o; andaria sem repouso pelos matos. Fechou de novo a sepultura e lançou-lhe em cima o sumo da planta mágica com que lavara o cadáver. Dias depois o Caraxué foi avisá-la de que ouvira um barulho na sepultura do menino. A moça veio, abriu o buraco da sepultura e dele saiu o cachorro-do-mato Caiarara. Ela soprou sobre ele e o amaldiçoou, para que ninguém o comesse. Fechou de novo a sepultura e foi embora.

Dias depois o Caraxué foi avisar que ouvira barulho, de novo dentro da sepultura. Onhiamuaçabê foi até lá; abriu o buraco da sepultura e dele saiu o porco Queixada, levando os dentes que deveriam caber a todos os Maué e a todos os homens. Onhiamuaçabê expulsou, também o porco Queixada. (À proporção que saía um bicho da sepultura do menino e era expulso, a planta do guaraná ia crescendo, crescendo). Passados alguns dias o Caraxué ouviu barulho na sepultura e foi avisar Onhiamuaçabê. Ela veio de novo, abriu a sepultura e dali saiu uma criança que foi o primeiro Maué, origem da tribo. Esse menino era o filho de Onhiamuaçabê, que ressuscitara.

Onhiamuaçabê agarrou-o nos joelhos. E pôs-lhe um dente na boca, feito de terra (Por isso, nós, os Maué, procedemos de cadáver e o nosso dente apodrece). A mulher foi lavando tudo, tudo, devagarinho, os pés, a barriga, os braços, o peito, a cabeça do menino com o sumo das folhas da planta mágica, que mastigara.

Quando estava entretida, fazendo isso com o filho, os seus irmãos chegaram, de repente, e a obrigaram a deixar de lavar-lhe o corpo (Este é motivo por que os Maué não mudam de pele, como cobra).

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal de Commércio* Class.: _____

Data: 14/07/85

Pg.: _____